

Elevado desemprego de longa duração e vagas de emprego em máximos: que paradoxo é este no mercado de trabalho?

Após a pandemia de COVID-19, o mercado de trabalho em Portugal parece ter entrado num período dourado. Olhando para o primeiro gráfico, onde está representada a Curva de Beveridge, verifica-se que a taxa de desemprego está em níveis muito baixos e é acompanhada por uma taxa de empregos vagos em níveis máximos (em torno de 1,4%).

Parece paradoxal que isso aconteça, quando o país continua a apresentar um desemprego de longa duração tão elevado (não desprezando a enorme redução desde 2014, altura em que este representava quase 60% dos desempregados). De facto, a parcela de desempregados nessa situação há um ano ou mais (desemprego de longa duração) atingiu 46,4% da população desempregada nos primeiros três trimestres de 2022; se olharmos para o desemprego de muito longa duração (superior a 2 anos), a percentagem é de 29,4%. Em ambas as métricas, Portugal registava a quarta percentagem mais elevada no conjunto dos países da Zona Euro, cuja média é de 40,4% e 25,4%, respetivamente. Adicionalmente, um trabalhador que perca o seu emprego demora, em média,¹ 22 meses a encontrar um novo emprego em Portugal, o dobro do registado na Zona Euro.²

O que pode explicar este aparente paradoxo entre máximos de vagas de emprego por preencher e uma percentagem tão elevada de desemprego de longa duração? O Banco de Portugal, num artigo publicado em 2015,³ apontava que a educação e a idade podiam explicar o elevado desemprego de longa duração em Portugal.

O desajustamento entre as competências que as empresas procuram e as que os candidatos apresentam pode justificar o contexto de elevado desemprego face a um elevado número de vagas de emprego por preencher. É, pois, possível, que a falta de qualificações e/ou o desajustamento das qualificações dos indivíduos seja uma causa para o desemprego de elevada duração, mas também pode ser uma consequência disso, já que o desemprego de longa duração leva à perda de qualificações dos desempregados e erosão do capital humano.³ Olhando para o nível de educação dos desempregados de longa duração em Portugal verifica-se que 44,2% tinha um nível básico ou inexistente em 2021 (último dado disponível), comparativamente a 40,3% na média da Zona Euro. No entanto, no pós-pandemia, verifica-se que os indivíduos estão mais conscientes da importância da formação e educação para o sucesso da sua reintegração no mercado de trabalho, com 17,1% dos

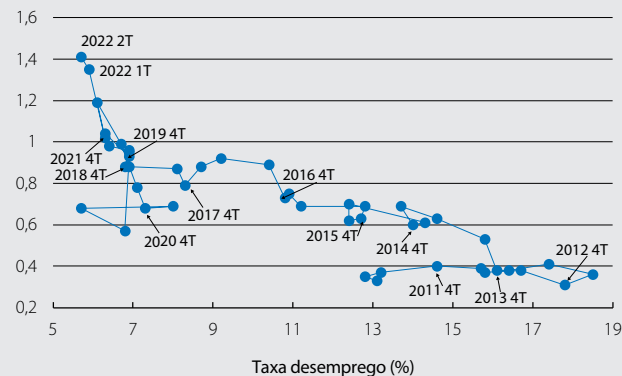
1. Considerando a duração média registada nos primeiros três trimestres de 2022; dados disponibilizados pelo INE.

2. OCDE, 2021.

3. Banco de Portugal (2015). «O mercado de trabalho português e a grande recessão». Boletim económico.

Curva de Beveridge para Portugal

Taxa empregos vagos (%) *

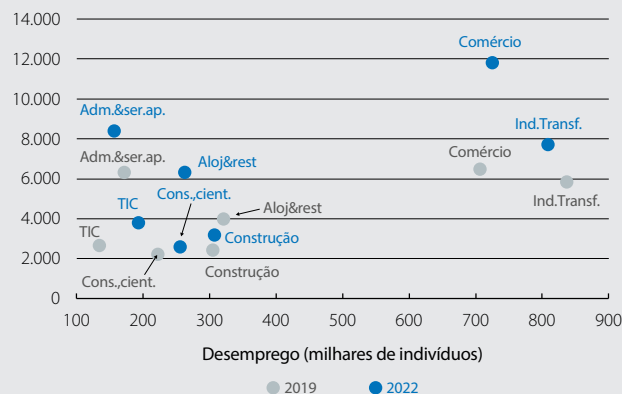


Nota: * Relaciona o número de empregos vagos com a soma do número de trabalhadores por conta de outrem e o número de empregos vagos.

Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

Vagas de emprego e desemprego, por sector (2019 vs. 2022 *)

Vagas de emprego (número)



Nota: * Média registada no primeiro semestre de 2022.

Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE e Eurostat.

desempregados de longa duração a participar em atividades de educação e formação em 2021, acima do verificado em 2019 (11%).

Este *mismatch* entre qualificações procuradas e oferecidas pode justificar o que se verificou, entre 2019 e 2022, em setores como o comércio, onde o aumento do desemprego foi acompanhado pelo aumento expressivo do número de vagas (visível no segundo gráfico). O futuro será ainda mais desafiante com a questão da transição digital: de facto, competências como a literacia digital, pensamento crítico ou *data literacy* figuram entre as 10 competências que enfrentarão maior procura nos próximos 10 anos.⁴ Isto num contexto em que 27% da população em Portugal tem redu-

4. Forbes (2022). «The Top 10 Most In-Demand Skills For The Next 10 Years».

zidas (ou nenhuma) competências digitais, percentagem que excede os 33% no caso dos desempregados.

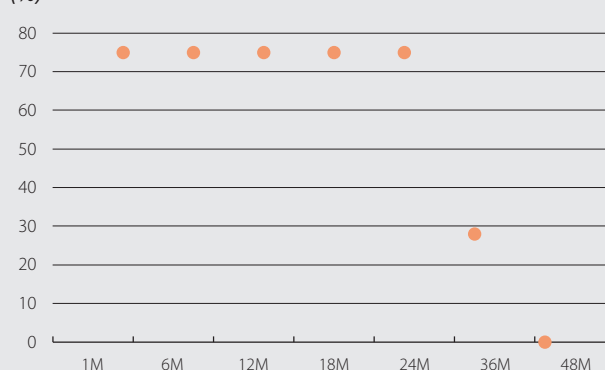
Outra das explicações para o desemprego de longa duração tem a ver com a idade e isto pode ser particularmente desafiante nos próximos anos em Portugal (e na Europa) com o envelhecimento da população. A taxa de desemprego de longa duração é crescente com a idade: se, em 2021, 27% dos desempregados com idade entre os 15 e os 29 anos estavam desempregados há mais de 12 meses, essa proporção era de 53% nos desempregados com idade entre os 45 e os 49 anos e atingia os 59% no caso dos desempregados com 50 ou mais anos.

Este comportamento pode estar associado ao nível de educação e tempo de antiguidade na mesma empresa. Analisando o conjunto da população ativa, à medida que avançamos no grupo etário, verifica-se que os indivíduos mais velhos têm menores níveis de educação; de facto, 35% dos indivíduos ativos com idade entre os 55 e os 64 anos e 47% dos indivíduos entre os 65 e 89 anos têm o nível básico de educação ou é mesmo inexistente, o que contrasta com a faixa etária dos 25-34 anos (3%). O nível de educação mais baixo dos indivíduos mais velhos dificulta a sua reinserção no mercado de trabalho em caso de desemprego, o que contribui para períodos mais longos de desemprego e acaba por desencorajar a procura de emprego.³

Importa ter presente também que os indivíduos mais velhos registam normalmente vínculos mais fortes com as empresas do que os indivíduos mais novos, que mudam com mais facilidade de emprego à procura de melhores condições de trabalho (um fenómeno denominado de *job-hopping*). Esta situação acaba por também afetar emocionalmente os desempregados mais velhos, desmotivando o regresso ao mercado de trabalho, agravado pelo facto de se sentirem desamparados perante a necessidade de ir à procura de um novo emprego, após anos na mesma empresa.⁵

Outras das possíveis explicações tem a ver com o sistema de concessão do subsídio de desemprego. Importa ter presente que o subsídio de desemprego é de extrema importância: permite ao indivíduo desempregado ponderar a escolha de uma nova oportunidade de emprego e evitar flutuações do rendimento e consumo.³ No entanto, dependendo da sua generosidade, pode desencorajar a procura de emprego e levar a períodos mais longos de desemprego. Neste aspeto, importa olhar para o terceiro gráfico, onde é possível ver que um indivíduo no primeiro mês de desemprego recebe cerca de 75% do rendimento que recebia

Taxa líquida de substituição no desemprego *



Nota: * A taxa líquida de substituição no desemprego mede a proporção de rendimento líquido que se mantém após x meses de desemprego. Valores para um indivíduo solteiro, sem filhos, sem outros apoios sociais, em 2021.

Fonte: BPI Research, com base nos dados da OCDE.

quando trabalhava, percentagem que permanece inalterada nos dois anos seguintes, o que pode apontar para uma certa generosidade do sistema português.

Haverá com certeza outras justificações para o desemprego de longa duração, como a atividade económica de origem. No entanto, neste momento, parece-nos mais provável que o que explica o elevado número de vagas de emprego por preencher e um desemprego de longa duração (ainda) elevado seja o desajustamento entre as competências que as empresas procuram e o que os candidatos têm para oferecer,⁶ tendo em conta o reporte feito pelas empresas nos inquéritos de confiança. Por exemplo, na indústria transformadora, das cerca de 43% que reportavam obstáculos à sua atividade em outubro, quase 29% apontava dificuldades em contratar pessoal qualificado (a segunda principal causa), uma percentagem que aumenta para quase 67% das empresas na construção e obras públicas que reportavam dificuldades na sua atividade, e para quase 86% no caso das empresas no alojamento & restauração (em ambos os casos, é apontado como o principal obstáculo). É, por isso, de extrema relevância um maior foco na melhoria das competências das pessoas, um dos objetivos do próprio PRR, que destina cerca de 1.370 milhões de euros para a melhoria das qualificações e competências.

Vânia Duarte

5. Fundação Adecco (2019). «TuEdadEsUnTesoro: mayores de 55 años en el mundo laboral».

6. O Banco de Portugal (ver fonte da nota de rodapé 3) não considerava que o desajustamento entre as condições oferecidas pelas empresas e as que os candidatos estariam dispostos a aceitar justificasse o desemprego de longa duração.